

31. O Estádio Olímpico

decifrando o carisma do fuhrer / chamando os fantasmas feios / bono faz o passo do ganso / a arquitetura da sociopatologia / correndo para o último avião para casa / uma festa surpresa para ariel

ENTRANDO no Estádio Olímpico que Hitler construiu para dar suporte à sua loucura e mostrar sua superioridade de raça, efetivamente calou a boca de todos da organização do U2. Parecia que o mundo havia aberto um portão nas entranhas para revelar as fileiras intermináveis dos molares de concreto. Eu saúdo Bono no grande degrau de pedra, como “Kaiser Hewson”, mas ele apenas olha para o estádio, que se projeta em direção a terra, ao abrigo da luz. O seu design é como um enorme teatro ateniense inflado, mas a sensação de pavor que ele impõe está mais próxima ao que o Coliseu de Roma poderia ter sido se Nero tivesse misturadores de cimento. Um estádio como esse foi construído para funcionar durante um reinado de mil anos e então servir como atração turística por mais alguns milênios.

O estádio tem mais vibrações do que uma fábrica de xilofones. Enquanto andávamos pelo terreno, todos faziam a mesma observação: “Hitler era *louco!*” Você pode sugerir que essa não é uma ideia nova, mas algumas vezes é necessário um exame minucioso para apreciar plenamente a profundidade das excentricidades de um maníaco mundialmente famoso. Andando entre as estátuas gigantes de alemães nus, com posturas de poderosos ganhões, olhando através da vasta extensão de campos bem cuidados sobressaindo pelo iminente estádio de pedra, assustados com a suástica de cimento apenas ligeiramente escurecida pelo gesso, o U2 percebeu porque Hitler, no meio da guerra com a Inglaterra, foi arrogante o suficientemente afetado para se virar e invadir a Rússia com as mãos abanando enquanto declarava guerra aos Estados Unidos com sua única gônada: *pura audácia lunática*. Sem ofensa à Neville Chamberlain¹, mas uma olhada sobre o gosto de Fuhrer para a arquitetura deveria ter sido a dica de que esse ditador era apenas um pequeno aperitivo num grande buffet. Em sua mente, Hitler não estava competindo com Churchill, Roosevelt ou Stalin; na sua cabeça ele estava competindo com César e os faraós.

Depois de termos bebido algo, Bono pergunta o que eu penso. “A escala é bem inflada”, eu digo. “Isso faz você pensar que Hitler tinha problemas reais de supercompensação. Talvez ele não precisasse conquistar a Europa se ele fosse um pouco mais alto e tivesse as duas bolas”.

Bono se levanta no alto dos seus um metro e setenta, olha nervosamente para seu zíper e diz: “Hum, Bill... há uma coisa sobre mim que eu queria lhe contar...”

Com um grunhido culpável de um membro da equipe, este provoca uma explosão de risadas de todo mundo. Eles orgulhosamente anunciam que encheram a tocha olímpica com explosivos para o final de “Desire”.

¹ Arthur Neville Chamberlain foi um político britânico conhecido pela sua política externa de apaziguamento, e, em particular, por ter assinado o Acordo de Munique, em 1938. Adolf Hitler, Neville Chamberlain, Édouard Daladier e Benito Mussolini foram os políticos que assinaram o Acordo de Munique. O ajuste dava à Alemanha os Sudetos (*Sudetenland*), começando em 10 de outubro, e o controle efetivo do resto da Checoslováquia, desde que Hitler promettesse que esta seria a última reivindicação territorial da Alemanha. Neville Chamberlain acreditou, ingenuamente, que Hitler cumpriria o acordo.

Ian Brown, o produtor do vídeo de “Numb”, caminha pelo estádio enquanto bebe. “É um estádio adorável, não é?” ele diz.

“Sim”, eu digo, “meio que faz você querer reconsiderar toda essa atitude anti-nazista”.

Ah, estou apenas sendo um pouco esnobe. Eu penso neste lugar como sendo algo assustador, por causa do que sabemos sobre os nazistas, mas pense como isso deve ter sido para os alemães, humilhados após a Primeira Guerra Mundial, amendontrados com a queda do kaiser, e quebrados pela Grande Depressão¹. O que para nós é quase uma excentricidade maluca, pode ter sido majestoso pra eles. É fácil compreender que eles queriam ser parte daquilo.

“Oh sim, sim”, diz Bono. “*Eu sinto isso. Como eu disse naquela conferência sobre a paz, ‘você não deve subestimar o sex appeal em um Hitler’.* Muito disso é o que justamente está em questão.

O U2 foi avisado sobre as severas penalidades por quebrar o toque de recolher em Berlim, mas eles decidiram secretamente fazê-lo de qualquer maneira. Eles querem que esse show, acima de qualquer outro, tenha toda a força da sua tecnologia desde a primeira música, e isso significa esperar até o anoitecer para começar. Como estamos em Berlim e como esse é o solstício de verão, isso significa atrasar a entrada do U2 até às 10 horas. A banda anuncia, falsamente, que o atraso é devido a dificuldades técnicas. Então, um grande debate se forma no camarim sobre se eles querem fazer a sua entrada habitual na frente das telas da Zoo TV, ou se querem um grande holofote iluminando eles descendo os grandes degraus de pedra do estádio. Eles vão e voltam, radio transmitindo cada *sim, não, sim, não*, para aumentar o nervosismo na mesa de iluminação. Eles finalmente decidem, minutos antes de sair, não usar o holofote. Eles caminham até o topo dos degraus em total escuridão e olham para baixo, para a enorme multidão de barulhentos berlinenses – e a luz de um holofone os ilumina. Uh-oh. Eles são iluminados como deuses nórdicos. Uma aclamação surge da multidão. Eles descem as escadas de pedra para a parte de trás do palco, sumindo lentamente sob o olhar da multidão.

Parece impressionante para o mundo, mas o submundo está em pânico. O elevador que sobe o Bono para o palco está quebrado. Um membro da equipe está desesperadamente tentando fazê-lo funcionar. Um sinal é enviado para a equipe de vídeo para manter as fitas da introdução rodando. O cara do vídeo enlouquece – essas fitas de abertura não duram muito tempo! Ok, o elevador está concertado! Avise a equipe do vídeo que a banda está subindo! *Onde diabos está a banda?* Eles ainda estão parados nos degraus, admirando o grande trabalho que eles tinham feito descendo as escadas. A fita de introdução está prestes a acabar! *Coloque-os no palco agora!*

A atenção do público está fixa nas telas da Zoo TV, preenchidas com imagens gigantescas do *Triumph of the Will and Olympia*, de Leni Riefensthal. A multidão – que em sua maioria não reconhecia essas imagens, que tinham sido proibidas na Alemanha – clamam quando o garoto da bateria começa a golpear seu tambor e as belas alemãs vasculham o ar com seus braços e um garoto da Juventude Hitlerista (nesse ponto, parte da plateia pode estar sentindo a vibração de que essa é uma história

¹ A Grande Depressão foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do século XX. Este período de depressão econômica causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto de diversos países, bem como quedas drásticas na produção industrial, preços de ações, e em praticamente todo o medidor de atividade econômica, em diversos países no mundo.

tóxica) levanta um bastão. “Ode to Joy” de Beethoven (veja, houve bons alemães também) explode cada vez mais alto à medida que as imagens nazistas dão lugar a uma cascata de símbolos da Europa dos últimos cinco anos – do martelo e da foice ao sudário de Turin, ao pequeno esboço do triste astronauta que é o símbolo dessa turnê (é basicamente o bebê do *Achtung Baby* do último ano com um capacete espacial desenhado em torno de seu rosto – ele representa o cosmonauta soviético que estava em órbita quando a União Soviética caiu, e que foi deixado flutuando lá por semanas até que o novo governo decidisse quem era responsável por trazê-lo de volta). As imagens vêm cada vez mais rápido, a música toca cada vez mais alta e forte – e então é quebrada pela guitarra de Edge cortando os primeiros acordes de Zoo Station, enquanto todas as telas de vídeo se convertem em um azul estático (com as estrelas amarelas do símbolo da União Europeia).

Como sempre, isso enlouquece a multidão, e chega ao clímax com a silhueta do Bono subindo lentamente no telão atrás do Edge. Bono sempre percorre desfilando através da fileira de telas, da esquerda para a direita do palco, e desce cantando para ocupar seu lugar junto à banda. Esta noite, acredite, ele não está apenas desfilando através das telas. Maurice grita e Joe O’Herlihy balança sua cabeça. Bono está fazendo o passo de ganso¹. Seu braço direito continua tentando fazer a saudação nazista, como o Dr. Strangelove, e sua mão esquerda continua segurando-a e batendo nela. Um dos slogans que aparece nos telões é “Taste is the enemy of art”. [Experimentar é o inimigo da arte]. Se isso for verdade, Bono é o Da Vinci hoje à noite.

A banda está tocando como nunca, abrindo com gás total. Edge está sobre os seus pés um pouco afastados um do outro, segurando sua guitarra na sua frente enquanto toca. Bono está cantando com um sotaque estranho, desde o limite da sua garganta, rugindo as palavras. Este é para eles o show mais importante da turnê. É aqui que eles têm que fazer certo. Sutileza não está nem mesmo no repertório.

Bono mais uma vez dedica “One” aos turcos. Desta vez há poucos aplausos; na verdade, o barulho da multidão parece diminuir quando ele diz isso. No momento que a banda vai para o palco B para o set acústico, já são mais de 10:30 e a temperatura está caindo rapidamente. Está congelante. Bono parece estar perdendo a sua voz. Mas o clímax está por vir.

É ilegal exibir a suástica na Alemanha – é por isso que as que estão nas paredes desse edifício foram encobertas com gesso. Durante o auge de “Bullet the Blue Sky” o palco é banhado com uma luz vermelho sangue. Na turnê do ano passado, quando o Bono cantava: “See the burning crosses, see the flames higher and higher” [*Veja as cruzes em chamas, veja as chamas cada vez maiores*], grandes cruzes juntamente com rosas em chamas preenchiavam os telões. Eles o fazem também agora – mas quando eles atigem o ápice, as cruzes se inclinam para a direita e se transformam em suásticas flamejantes. Não há uma única reação do público – há suspiros audíveis e há excitação, raiva, constrangimento, agitação. Os jovens alemães são particularmente sensíveis ao insulto de estrangeiros associando eles aos nazistas, então, há uma considerável tensão nessa pausa antes que o Bono diga, em alemão: “Isso nunca mais acontecerá novamente!”

¹ O “passo de ganso” é um estilo de marcha desenvolvido originalmente no século 18 pelos prussianos e que foi adotado pelos exércitos nazistas.

Então há uma explosão de aplausos e gritos. O público alemão foi convidado a identificar o fascismo como o pecado dos outros, não de si mesmo. A banda estava ansiosa e agora aliviada por esse momento do show. Bono pensa que falar essas cinco palavras, soletrando a mensagem do U2, é completamente contraditório ao espírito da Zoo TV – que supostamente não deveria ser moralizante, onde símbolos são usados para levantar questões e examinar contradições. Mas, ao mesmo tempo, o U2 está ciente de que certas coisas são mais importantes que teorias de arte, e a oposição ao facismo está no topo dessa lista. A banda decidiu que, se eles fossem usar a suástica – o mais potente símbolo de todos – eles deveriam quebrar a imagem e deixar absolutamente claro que para eles isso representa o mal. Eles queriam oferecer ao público, principalmente para aqueles de lugares onde o neo-nazismo estava crescendo, uma oportunidade para celebrar a oposição ao facismo. Eles não correriam o risco de ter algum idiota achando que eles estariam celebrando o nazismo, mas, ainda mais, eles não queriam que crianças alemãs achassem que o U2 os estava empurrando para um canto onde eles tivessem que defender qualquer coisa corrupta por uma lealdade nacional equivocada. Bono disse à plateia quando falava sobre os turcos, que lutando por justiça em face do mal, “você tem a chance de ser um herói”. Isso é, finalmente, tudo o que eles vieram dizer para Berlim.

Após toda essa tensão e catarse, “Pride”, completada com as falas de Martin Luther King, é uma celebração. Hitler deve estar se revirando no seu bunker. McGuinness caminha até a mesa de controle para dizer a Joe O’Herlihy que a revista *Mix* o indicou como Engenheiro de Som do Ano. “Isso vai fazer você marchar mais rapidamente”, diz o empresário. Joe decide comemorar aumentando o som num volume de sacudir a casa. Está agora muito alto para conversar. McGuinness passa uma anotação para o Joe – um desenho do avião da Zoo com os rabiscos: “Após ‘Love Is Blindness’”, significando que, assim que a última música acabar, corra para os carros – vamos correr para o aeroporto e qualquer um que for deixado para trás, terá que voltar caminhando para a Irlanda.

Joe, sensível ao fato de que ele está quebrando a barreira dos decibéis, passa outra anotação de volta para o Paul: “Eles irão me levar sob custódia depois do show hoje à noite. Sim. Preso”.

Paul rabisca no papel e manda de volta: “Eu ainda posso votar em você se você estiver na cadeia?”

Macphisto está delirando loucamente esta noite. Apontando para os seus sapatos de plataforma, ele chora: “Da última vez que vocês me viram eu tinha um metro e setenta, mas agora, olhe para mim! Sou um gigante! Vocês sabem quem é Helmut Kohl?” Há um murmúrio negativo, uma certa vaia. “Ele está se tornando um amigo meu”. Alguns aplausos. “Eu deveria ligar pra ele?”. Muitos aplausos. Macphisto gesticula e observa todo o estádio ao seu redor e gargalha: “Eu amo esse lugar!” Há alguns aplausos. “Toda a pompa e marcha cerimonial...” a multidão se aquieta. “Vocês não amam isso?”

Ele disca o número do chanceler e recebe um sinal de ocupado. “Acho que eu talvez tenha ofendido o chanceler”. O diabo suspira. Então ele começa a gritar: “Olá? Você pode me ouvir, Helmut Kohl? Eu não preciso das linhas telefônicas! Você sabe quem eu sou! E eu quero agradecer por você me deixar entrar de novo no país! EU ESTOU DE VOLTA! EU ESTOU DE VOOLTA!”

No momento que o *encore* acaba, a banda é levada às pressas para os carros que esperam com uma escolta policial e disparam pelas ruas através do tráfego. Bono corre para Paris para se encontrar com Ali e está encantado por poder voltar à afeição de seu amor. Eu estou junto com Edge e McGuinness que estão indo em direção ao avião da Zoo, que está abastecido e esperando num aeroporto de Berlim Oriental. Assim que entramos no que era a zona soviética, as árvores dão lugar a

um solo estéril. (Eu não quero soar como Dan Quayle; eu sei que a fotossíntese ainda funciona sob o comunismo. Eu apenas fico perplexo toda vez que considero que a Alemanha Oriental era a *jóia no meio dos países soviéticos*, o estado comunista mais bem sucedido economicamente. Ainda assim, essa paisagem parece um depósito de lixo em comparação com a Alemanha Ocidental. Sorte minha que meu pai está morto ou então teria que ouvi-lo dizer: “Eu lhe disse” sobre todas as discussões políticas que tivemos à mesa da sua casa sobre os Beatles ou a queda de Saigon).

Edge diz: “Foi um bom show. Foi difícil. Enfrentar os fantasmas daquele lugar. Você ouviu o mal na voz de Bono quando ele ligou para Kohl? *‘Eu estou de volta!’* Edge balança a sua cabeça. “Sabe, quando Bono e eu fomos para aquela conferência da paz em janeiro, nos pareceu que a questão que devíamos abordar nessa turnê era a xenofobia. Eu tinha dúvidas sobre o uso da suástica, porque se não estivesse absolutamente claro por que estávamos usando isso, poderia parecer que estávamos usando essa imagem por outras razões, para abalar valores. Mas, como as coisas deram certo, tudo o que está acontecendo na Alemanha tem sido notícia internacional. Todos entenderam a questão”.

Às 2:15 da manhã, no caminho de volta voando sobre a Europa, Edge e Suzanne entram na cozinha do avião da Zoo e preparam um bolo de aniversário surpresa para Paul McGuinness, que completou quarenta e dois anos à meia-noite. Suzanne lhe dá um presente e Edge lhe diz: “Nós somos aqueles que *realmente* amam você, Paul”. Todos assinaram em um livro da turnê para o empresário. Edge escreveu: “Para Paul – o melhor empresário que já tive”.

“Bem”, Paul diz, “todos vocês estão convidados para a minha casa esta tarde para minha outra festa”.

“Eu terei que levar outro presente?” Suzanne pergunta. Enquanto a adrenalina de Edge começa a voltar ao normal, um certo cansaço pode ser percebido no seu rosto e ele fica pensativo. Nós fomos para os fundos do avião para conversar. “Eu acabo de perceber”, ele diz, gesticulando sobre as velas de aniversário, “no ano que vem, eu estarei no U2 metade da minha vida”.

Eu pergunto sobre atrasar o início do show até depois do pôr do sol. “O pensamento era o de todas as noites, nós precisávamos sentir que estávamos caminhando sobre cilindros em chamas nessa situação, tocando naquele lugar, de volta à Berlim. Se os olhos do mundo estavam voltados para lá ou não, sentíamos como se estivessem. Se você sente que está tocando numa situação inferior a melhor possível de se apresentar, você pode se sentir muito vulnerável”.

“Vindos da Irlanda, nós somos bastante supersticiosos, e acho que todos nós em geral estávamos muito conscientes dos fantasmas rondando aquele lugar esta noite. E com a abertura de Leni Riefenstahl, você sabe que aquela batida era um chamado para alguns demônios, alguns espíritos, e é melhor você ter certeza de que é o espírito certo ou então poderia ter sido um show muito diferente”.

Pergunto se teve algum momento em que Edge achou que o U2 talvez tivesse ido longe demais, trazendo o imaginário nazista ao palco.

“Durante todo *‘o tempo que eu estava no palco’*. Cada segundo”. Edge ri. “Sinceramente, eu estava me perguntando, que *porra* é essa? Essencialmente, é isso” - ele fica com o rosto corado - “para todas as formações da extrema-direita foi uma coisa boa, mas sabe, é uma presença muito forte que você está ridicularizando. Eu fiquei um pouco intimidado com isso hoje à noite. A única maneira de lidar com isso é por se jogar com toda força, e eu acho que é por isso que havia tanta energia”.

Menciono que o solo de guitarra do Edge em “Bullet the Blue Sky” esta noite foi como navegar em águas desconhecidas – foi um solo de rock ácido.

“Bem, eu quase podia sentir aquelas suásticas surgindo”, diz Edge. “Isso é o mais engraçado: Bono deixa uma frase no ar, elas aparecem de repente, e então ele me fode, porque some e me deixa ali sozinho! E eu tenho que de alguma forma transmitir com a música alguma coisa que dê sentido a isso. Algumas vezes, isso acontece, outras não. Esta noite havia muita energia ali”.

“Foi um momento muito emocionante”, eu digo.

“Sim, foi pra mim”, responde Edge. “Apesar de estar muito assustado com isso! Com esse show existem muitos riscos, especialmente para o Bono, que está ali a maior parte do tempo, vivendo e morrendo baseado no que ele pode entregar de si mesmo durante esta noite. Macphisto é um exemplo. Existem algumas coisas que ele já leva planejado, mas ele tem que trabalhar com o público e trazê-lo à vida todas as noites sem um roteiro, e isso é difícil”.

Eu decido dar um golpe no exausto Edge com algo que o Bono me disse outro dia – que o U2 tem seis outras boas músicas que eles deixaram abandonadas em Dublin.
